

## “Tentáculos/Raízes” de Jhulie Cabral: em uma análise interpretativa literária das reações teóricas Ecofeministas e Decoloniais <sup>1</sup>

*"Tentáculos/Raíces" por Jhulie Cabral: un análisis interpretativo literario de las reacciones teóricas Ecofeministas y Decoloniales*

*"Tentacles/Roots" by Jhulie Cabral: a literary interpretative analysis of Ecofeminist and Decolonial theoretical responses*

Lucideyse de Sousa Abreu

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar literariamente a poética *Tentáculos/ Raízes*, de Jhulie Cabral (2021) em uma perspectiva teórica decolonial e ecofeminista. A poesia em questão põe em foco o “eu lírico” que fora atravessado pela colonização, o lugar de não pertença e, ao mesmo tempo, em um processo/resgate por meio da ancestralidade a identidade Amazônica. Neste sentido, o texto, primeiramente, abordará as Teorias Decoloniais e Ecofeministas, conforme Lugones (2014); Castro (2019); Soares (2009) e Lemgruber (2020); e, a partir das teorias, relacionará a identificação dessas perspectivas na poesia que seguirá com as interseções filosóficas e literárias. Logo, a metodologia tem procedimento de ordem qualitativa, por se tratar de uma análise literária ficcional que se utiliza de pesquisas bibliográficas como fontes investigativas.

**Palavras Chave:** Decolonial. Ecofeminismos. Identidade. Amazônica.

**Resumen:** Este artículo busca analizar literariamente la poética *Tentáculos/Raíces*, de Jhulie Cabral (2021) en una perspectiva teórica decolonial e ecofeminista. La poesía en discusión resalta el “Yo lírico” que fuera traspasado por los hechos de la colonización, el lugar de la no pertenencia y, a la vez, en un proceso/rescate por intermedio de la ancestralidad de la identidad Amazónica. Asimismo, el texto antes que todo abordará las Teorías Decoloniales y Ecofeministas, de acuerdo con: Lugones (2014); Castro (2019); Soares (2009) y Lemgruber (2020); entonces, a partir de las teorías, hacer conexión entre la identificación de dichas perspectivas en la poesía que seguirá con las intersecciones filosóficas y literarias. Por consiguiente, la metodología se sostiene a través un procedimiento de orden cualitativo al tratarse de un análisis literario ficcional que emplea la investigación bibliográfica como fuente de investigación.

**Palabras Claves:** Decolonial. Ecofeminismos. Identidad. Amazónica.

**Abstract:** This review will analyze, by examining the literature perspectives, the poetics *Tentacles/Roots*, by Jhulie Cabral (2021) from a Decolonial and Ecofeminist theoretical standpoint. The poetry in question draw together the “lyrical self” that had been traverse by the colonization, the non-belonging place and, simultaneously, in a process/resgate by way of Amazonian ancestry and identity. In this regard, in the first place, the text will approach Decolonial and Ecofeminist Arguments, in accordance with Lugones (2014); Castro (2019); Soares (2009) e Lemgruber (2020); also, based on the referred theories, relate the assimilation of these perspectives in poetry that will follow the philosophical and literary crossing. Thus, a qualitative procedure will be used as methodology, as it is a fictional literary analysis, which applies bibliographical research as investigative sources.

**Keywords:** Decoloniality. Ecofeminism. Identity. Amazon.

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado ao Programa de Pós-graduação em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América-Latina, em nível de Especialização, sob orientação da Profa. Dra. Adriane Rachel Santana Lima. Agradeço às/aos pareceristas no processo de apresentação final do artigo.

Lucideyse de Sousa Abreu – Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia-PPLSA/UFGA. Escritora, pesquisadora e mediadora de clube de leitura Leia Mulheres Capanema e do Clube de Escritoras Paraenses. <https://mapacultural.pa.gov.br/agente/30803/#info>. E-mail: [profa.lucideyse@gmail.com](mailto:profa.lucideyse@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A noite não adormece  
 nos olhos das mulheres  
 a lua fêmea, semelhante nossa,  
 em vigília atenta vigia  
 a nossa memória.  
 [...]
   
 Conceição Evaristo

A escritora contemporânea Jhulie Cabral, em sua poesia “Tentáculos/ Raízes” (2021), apresenta, por meio da poética, diversas imagens literárias, como a ancestralidade, memórias e feridas expostas, lidas como consequências do processo de colonização. Este apresenta, dentro da narrativa, aspectos da poética, como, por exemplo, a sonoridade ao ler, mostrando para o leitor uma possibilidade de temáticas sociais e identitárias que se mesclam com o ritmo e a subjetividade dos aspectos da poética.

Outrossim, a poesia nos possibilita uma leitura social da realidade, amparada pela liberdade poética. Desse modo, uma leitura possível são das teorias decoloniais e ecofeministas em análise à dualidade e da fragmentação identitária que perpassa a mulher colonizada.

Sequencialmente, abordaremos os aspectos metodológicos da Literatura Comparada, principalmente ao que tange à interdisciplinaridade, amparada em Carvalhal (2006) e Machado e Pageaux (1989); a partir disso, discutiremos a teoria dos estudos Decoloniais e Ecofeministas; posteriormente, a análise seguirá com as intersecções literárias em comparação às teorias Decoloniais e Ecofeministas. Logo, esta metodologia tem procedimento de ordem qualitativa por se tratar de uma análise literária ficcional, em que utilizaremos de pesquisas bibliográficas como fontes investigativas.

## 1. A Literatura Comparada

A primeira seção objetiva discutir sobre a Literatura Comparada e a metodologia que nos destinamos desenvolver por meio das definições e discussões propostas por teóricos da área literária. Como baseos apontamentos que os estudos comparativistas, ultrapassam o quadro estreito das relações binárias e alargam forçosamente o campo da investigação. Mais ainda: a própria natureza da questão estudada exige também uma reflexão pluridisciplinar que confronta a literatura com outros setores das chamadas ciências humanas (MACHADO e PAGEAUX, 1989, p. 141). Nesta abordagem, os estudos da literatura se articulam com as abordagens filosóficas e sociais.

Em um primeiro plano, buscamos os métodos investigativos dos estudos literários, promovendo assim a relação entre a literatura presente na poética de Jhulie Cabral relacionada neste trabalho, com a Filosofia Decolonial e Ecofeminista. Nesse contexto, a interdisciplinaridade é uma ampliação do campo metodológico da Literatura Comparada e permite repensar os estudos das literaturas a partir de novas bases.

Destarte, a Literatura Comparada amplia seus domínios em uma perspectiva interdiscursiva e interdisciplinar. Desse modo, o método comparado possibilita, nesta análise, uma sondagem além da poesia “Tentáculos/ Raízes”, este se torna o ponto de partida para possibilidades de diálogos com as teorias Decolonial e Ecofeminista, levando em conta os pontos de interconexões presentes no texto literário.

Em virtude dos conceitos abordados pelos autores, percebe-se, portanto, que o estudo da literatura ficcional dialoga interdisciplinarmente em abordagem temática presente no próprio Poema, em que, segundo Soares (2009), as críticas literárias feministas vêm associando ecologia e feminismo aos estudos literários, pois também é entendida a literatura como espaço de resistência a diferentes formas de dominação biológicas e /ou culturais. Logo, essa relação da análise do tema proposto por essa pesquisa só é possível com a abertura dos estudos da literatura e da sociedade, levando em consideração a produção da autora e o espaço — Local — onde é construída narrativa.

## 2. Raízes Históricas

Na sociedade contemporânea, ainda estamos imersos em uma visão hegemônica do mundo e do poder, esta que é — mesmo com os constantes embates e as aberturas temáticas — ainda detentora de tomadas de decisões e impulsionadora de diversas opressões sociais que não considera a diversidade. Desse modo, a decolonialidade surge a partir desse processo de confronto, do pensar a diferença de sujeitos que foram atravessados por um extermínio da cultura e de pessoas, de línguas, saberes e vidas que se apóiam em uma única e unilateral imposição da globalização e da modernidade.

Assim, entendemos que os paradigmas dominantes e estruturais tendem a perpetuar a estrutura racista, sexista e eurocêntrica da estrutura colonial. Esse mesmo processo que marginaliza o que foge da hegemonização, grupos que pensam e/ou vivem o processo de conhecimento, a construção social e cultura de forma diferente. Diante dessa possibilidade, de sujeitos em interação social, faz-se necessário a promoção e construção de decolonizar e reorganizar, por meio da diferença, as relações de poder.

Desse modo, Lugones (2014) introduz que a modernidade organiza o mundo em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis. E, assim, pontua a existência de uma crítica contemporânea ao universalismo feminista que foi reivindicada por mulheres de cor e do terceiro mundo, centrando-se na intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero e que vai além das categorias da modernidade. Termos que, quando pensados na visão hegemônica, se referem à mulher branca de classe média, e, quando se pensa no negro, este se refere à construção social do homem negro, que, por definição de Lugones, mostra a ausência das mulheres negras — e não sua presença. Continuamente, a teórica pontua:

Eu compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas — como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém

que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. A imposição dessas categorias dicotômicas ficou entretecida com a historicidade das relações, incluindo as relações íntimas. (LUGONES, 2014, p. 936)

Diante à exposição histórica do processo colonial apresentada por Lugones e a classificação hierárquica que apresenta a teórica, nos é permitido relacionar as violências expostas a que sujeitos multiculturais foram e são submetidos e atravessados pelo colonialismo. Pois as imposições, violências, discriminações e perspectiva eurocentrada ainda são entraves e estigmas que se perpetuam. Assim, pode-se relacionar tais problemáticas com outro pensamento teórico e prático, social e espiritual, como forma de diminuir e intervir: O Ecofeminismos.

Na Europa, em 1974, o termo cunhado por Françoise d'Eaubonne, feminista francesa, para descrever o movimento social de luta pelos direitos ecológicos e das mulheres foi o *ecological feminism*, que se difundiu como o Ecofeminismo: corrente filosófica, política, teórica e prática, que pensa socialmente e espiritualmente as questões das mulheres e das lutas feministas em suas intersecções ligadas à natureza e animais não-humanos.

Guebara (2017, p. 11) conceitua o Ecofeminismo, poeticamente, em uma vontade de ser, em suas palavras: “um alerta à poesia da vida” e também “a necessidade vital de sua manutenção.”. A teórica traduz o termo com a abrangência de ser um feminismo crítico que inclui questões para além do feminismo tradicional. Além disso, o Ecofeminismo também agrega os conhecimentos ancestrais, desconstruindo antigas certezas para poder “sonhar a terra” em uma experiência de sororidade, como um corpo fraterno único em suas diversas expressões. Assim, essas diversas expressões também representam os diferentes segmentos que atualmente existem nos movimentos ecofeministas — e suas filosofias —, apresentando conhecimentos e pautas plurais.

De acordo com as distintas significações ecofeministas em relação à conexão da Mulher e da Natureza, apresenta-se, como a mais difundida, a relação de opressão pelo patriarcado. Segundo Souza (2018), há uma ideia fundamental, que é a existência de uma interconexão entre a dominação da natureza, exploração e destruição, e a sujeição feminina aos homens. Assim também conceitua e contribui a pesquisadora ecofeminista Lengruber (2020), de que o movimento ecofeminista aborda a subjugação das mulheres sob o mesmo ponto de vista da destruição ambiental, no reconhecimento das injustiças e dos tratamentos marginalizantes.

Souza (2018) também pontua as análises que as correntes ecofeministas desenvolvem, como os impactos que as destruições ambientais provocam entre as mulheres, as limitações às liberdades das mulheres nos lugares quase excluídos, como o político, a interrelação da divisão sexual do trabalho, a distribuição desigual do poder e seus meios de produção. Problematizando assim uma cadeia de fatores que influencia na permanência da vida de muitas mulheres ligadas ao meio ambiente, e também já direcionando possíveis estratégias para desenvolver intervenções para esta relação.

Esse desenvolvimento social das correntes ecofeministas chega a ser difundidas no Brasil com a realização da conferência nacional sobre o meio ambiente, a ECO-92, ou a Cúpula da Terra, no Rio de Janeiro em 1992. Essa necessidade de olhar o Local nas correntes ecofeministas latino-americanas representa um repensar a natureza e a cultura relacionada principalmente em defesa de mulheres que estão em situações de marginalização e pobreza e dos direitos e permanência dos povos originários

Referente à América Latina, os estudos e pautas ecofeministas se difundiram a partir de uma lógica da teoria da libertação, em que Guebara (p. 31) aponta que só é possível realizar esse rompimento hierárquico e dualista das formas de conhecimento saindo das visões eurocêntricas e dominantes sustentadas pelo mundo ocidental, iniciando, assim, um pensamento ecofeminista que, ainda segundo a autora, trata de reconstruir, de forma urgente e necessária, as referências culturais, cósmicas e vitais, e modificar o olhar sobre esses conhecimentos próprios e o mundo em conjunto com todos os seres vivos.

De acordo com Castro (2019, p. 46), a "América Latina sempre teve sua economia marcada pela exploração intensiva de recursos naturais. Ao longo do tempo, as pautas do comércio exterior foram sustentadas pela extração de bens primários. Quanto mais ricos em recursos da floresta, de rios, do solo e subsolo, maior os interesses em jogo" (...). Sendo a partir da história contada por colonizadores e desde os primeiros anos de invasão de território, as florestas, os animais não humanos, os povos originários, as multiplicidades sociais de sujeitos, crenças e saberes, etc. respaldados por uma exploração e conquista que marginaliza e subalterniza as relações.

Dentro do contexto dos estudos sociais, a teórica Castro (2019) elenca três perspectivas de se fazer intervenções decoloniais, sendo eles:

1. Reconhecer a insuficiência das teorias que são manejadas para dar conta da diversidade da experiência social do mundo.
2. Impor uma reflexão crítica a partir de categorias contextualizadas, presentes na história das Américas, como a de colonialidade do poder, e como esta se expressa internamente nas sociedades latino-americanas, a de raça e de racialização, e a de violência como dimensões que permanecem e são chave de entendimento do presente.
3. Reconhecer as realidades latino-americanas como portadoras de sentido que escapam ao entendimento fora de um contexto da experiência social vivida, com suas regras próprias de linguagem, cultura e ação política.

Tais colocações são estratégias teóricas que visam a prática e ação das vivências e a resistência/ sobrevivência que estão imersas em uma engrenagem que se reivindica detentora de poder e único meio de segregação, sem levar em consideração as consequências já sofridas pelas/os que foram colonizadas/os e que ainda convivem com as consequências da colonização.

Assim, não dispensando a contribuição social e teórica de ecofeministas e pensadoras da Europa central, que pensaram as possibilidades de interseções ainda em uma visão inicial hegemônica, por não passar pelo processo colonial. Entretanto, retomar como o surgimento de outros meios de pensar essas mulheres, as diferentes formas de produzir conhecimento e experiências a partir de um "feminismo da diferença", relação feminista com o espiritual e o meio ambiente — ecofeminismos — ou o feminismo descolonial (LUGONES, 2014), sendo este último uma tarefa das feministas de se pensar a diferença colonial e resistir ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela vê o mundo renovado e então exige de si mesma largar seu encantamento com "mulher", o universal, para começar a aprender sobre as outras que resistem à diferença colonial.

## 2.1. Nortista, Amazônida, Ancestral: uma poesia de uma mulher interiorana

A poesia escolhida como ponto de partida para a análise — *Tentáculos/Raízes* —, poema que integra uma antologia de poemas, prosas e manifestações artísticas visuais, promovido por coletivo Fluxos de mulheres Castanhalenses e da região do nordeste do Pará, Fluxos: Manifestações artísticas de Mulheres Amazônidas (2021), organizada por Ana Mauê. Coletiva Fluxos "Busca a valorização do nosso papel na construção de territórios mais livres e justos para mulheres dentro da sociedade na qual vivemos. A 'coletiva' fluxos é sobre seguir resistindo e rompendo as represas patriarcais que ainda nos consomem, poluem e exploram. Acreditamos na arte como instrumento revolucionário para as mulheres que são potentes evoluções artísticas de ser e estar no mundo como parte do todo." O Projeto foi selecionado pelo edital de projetos artísticos-culturais Roberto Marques — lei Aldir blanc Castanhal.

Os títulos do poema são representados por duas imagens diferentes, assim, mostra a dualidade da temática: uma no âmbito mais de opressão, “Tentáculos”, que remete à colonização e ao deslocamento da identidade, aqui fragmentada e indefinida; e a outra, “Raízes”, que infere no processo de memorização, ancestralidade, de reivindicar o que fora tomado. Desse modo, lê-se os títulos como um processo de lidar com os tentáculos históricos e sociais, e, por meio da reivindicação das raízes, sobreviver e resistir.

Uma outra possibilidade interpretativa está no que incomodo, na violação marginalização, iniciamos as percepções do poema, que aqui é lido também como poética, de Jhulie Cabral. Dividido em dez estrofes de versos diversos, ora em rimas pobres, ora em rimas brancas. Assim como as narrativas orais e escritas, a poesia em questão também apresenta um tempo cronológico e se mescla e interage com as metáforas e sonoridade. Segundo Massaud Moisés (1984, p. 40), nada impede que uma forma coagule com a outra. Uma poesia do contar.

Na primeira estrofe da obra, é apresentada o “eu lírico”, na íntegra:

*Na minha solidão  
Fazem 26°  
É inverno amazônico  
E mesmo quando aqui faz calor do grande  
Não é o suficiente para me aquecer.*

No primeiro momento, há apresentação do “eu”, assim como a arte de contar a história, observa-se que é uma construção do “eu lírico” juntamente com o ambiente em que se insere. Assim, o meio “amazônico” é formador da identidade e da apresentação desse contar da vivência. Segundo Castro (2019), a revisão da literatura crítica, teóricas do pensamento decolonial, têm sido desenvolvida segundo algumas perspectivas que possam produzir espelhos teóricos, a partir do lugar, da realidade vivida, da história, da memória, das subjetividades. Assim, é possível dizer que esse “eu” trilhado por caminhos Amazônicos e o calor, que é uma característica da Amazônia Paraense, formam e formulam essa identidade social.

A Amazônia também é uma fronteira, física ou simbólica da natureza: chuvas, identidades, culturas, em defesa e ativa, mesmo sofrendo diversos ataques da falta de efetividade das ações públicas e pela exploração de terras e genocídio dos guardiões da floresta, queimadas, desmatamento e a agropecuária desenfreada, problemas socioambientais e de desrespeito à vida, como aponta Castro

(2009) em suas relações com o Ecofeminismo. Na Amazônia, grandes extensões de florestas verdes que protegem as culturas, os povos amazônidos, dentre eles, os povos originários, quilombolas e comunidades tradicionais, assim como a própria fauna e flora e suas diversidades. Mesmo assim, em nome da globalização, dos avanços econômicos e de um determinado “progresso”, há ataques sistêmicos ao meio ambiente. Cabe aqui ressaltar que, de acordo com Soares (2009), é preciso ter em mente que humanos e não-humanos são Natureza, como parte integrante dela, onde o todo está integrado em tudo, e que, qualquer atitude destrutiva contra o meio ambiente, reverterá contra o próprio opressor. A seguir:

*Caminho por horas nas estradas  
De minha mente  
Perco tempo duvidando de quem sou  
Ganho tempo tentando compreender  
O que ainda não sei  
Porque saber me foi negado*

A segunda estrofe traz a dúvida, a incerteza de quem está nesse processo de identificação de ser sujeito deslocado, híbrido e colonizado. Ainda no último verso, o ser negado é reflexo da história que foi contada, da forma como são ensinados os processos, as origens, as culturas, e também da não identificação dos saberes passados de gerações, não ser considerado importante de um ponto de vista eurocêntrico, informação de quem construiu uma fresta de dúvida, de quem desperta para as interrogações. A escritora e filósofa Chimamanda Adichie, em “O perigo de uma história única”, relata sobre como são contadas as histórias e a relação com o poder, “quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa” (p.3). Logo, pode-se dizer que essa dúvida e rejeição do que foi contado como única história, rompe o véu das civilizações. Voltemos ao poema:

*Não é preta  
Branca também não é  
É morena jambo, marrom claro  
Cor de igarapé  
É parda, dourada, queimada do sol  
Qualquer coisa é quase  
Mas branca?  
Nem se quiser*

Na terceira estrofe, é construído por uma série de considerações identidade étnica racial, assim também relacionado ao chamado “colorismo”, que é fortemente presente na região amazônica devido ao fluxo migratório de espanhóis, portugueses, franceses, judeus, entre outros, em uma política do embranquecimento da colonização, pois indígenas e negras/os, assim como classifica Lugones, eram considerados não-humanos, a fim do contexto histórico do contar, de uma nação que marginaliza e exclui. E, a partir desse primeiro momento, já se reconhece que o “eu” é uma mulher atravessada pela sua cor e origens não definidas, e, se definidas, ainda complexas.

*Enquanto uns falam  
Outros nem precisam dizer  
Querem que eu sinta na pele  
A dor de não pertencer  
Com grandes tentáculos  
A diáspora me enforca*

A quarta estrofe apresenta a violência no poema, formado pelo “enforcar” em grandes tentáculos, que agarra, e o sentir “na pele” reflete ainda a dor dos racismos que mulheres não-brancas e imersas nas violências da colonização passam.

*E depois que meus pés são tirados da terra  
Vou ao chão  
Me confundem  
Me negam  
Me apagam  
Clareiam minha pele  
Alisam meu cabelo  
E alimentam meu auto ódio  
Até que não me sobre ar  
Até que minha história  
eu não seja capaz de contar*

Nesse momento, percebe-se que novamente o lugar amazônico é fortemente atrelado à sobrevivência deste eu que entende o que vive, e, do mesmo modo, enfatizam o desmemorar como uma estratégia de domínio, da natureza, do corpo, das raízes. Desse modo, a segunda opção é trabalhada nessa pesquisa analítica, possibilitando a relação entre o eu lírico com uma natureza ativa que participa e intensifica as emoções e o lirismo poético. Soares (2009) aponta que uma leitura de textos literários, encaminhada por questões ecológicas e do meio ambiente, permite ações transformadoras pela consciência da literatura ser inesgotável e capaz de promover ações criativas, mobilizando correntes energéticas que despoluem a mente, a sociedade e o ambiente.

*vendam meus olhos  
para que minha existência  
eu não seja capaz de enxergar  
e no meu canto escuro, não questiono  
para os senhores não incomodar*

*os pés cansados  
de circular por entre castanheiras, mangueiras e açaiçais  
as folhas caem e todas eu vou buscar  
na esperança de encontrar um vestígio de memória  
que possa me acalantar  
em uma delas li que o auto conhecimento  
é processo constante*

*sagrado  
que de deve respeitar*

A sexta estrofe propõe uma cegueira e silenciamento do que foi e é imposto para a pessoa colonizada, que é usada como estratégia de dominação. De acordo com Lugones (2014, p. 936), “a dicotomia hierárquica como uma marca do humano também tornou-se uma ferramenta normativa para condenar os/as colonizados/as.”. Lemgruber (2020) pontua que o Ecofeminismo social é que todos os seres humanos são partes corpóreas da natureza, mas, em uma prática social, são as mulheres que sofrem mais influências e conexões com o meio ambiente.

Na sétima estrofe, há uma busca pelo ancestral como fonte de resistência e sobrevivência, a memória dos que aqui estavam antes da colonização e das migrações, uma memória que é resgatada por meio de andanças entre árvores típicas da região, assim como o Baobá, árvore símbolo contra a violência da ancestralidade africana, usada para oprimir, estas também são usadas para lembrar. Na relação do Ecofeminismo espiritual, principalmente nos resgates dos saberes ancestrais, o misticismo, a relação com o sagrado do corpo, das raízes históricas e saberes curativos. O que de acordo com Lengruber (2020) a relação do Ecofeminismo espiritual e reconhecimento da natureza cíclica da mulher e reconhecer esses e outros tabus relacionados ao corpo feminino impostos por sociedades e religiões patriarcais são formas de reivindicar o corpo, a sexualidade das mulheres e se reconhecer enquanto natureza.

*não vou esperar que me digam  
ou provem o que sou  
não me faço de doida  
eu sei do meu corre  
eu sei da minha dor  
eu vim do norte  
onde habitam guerreiras icamiabas  
no pescoço levo meu muiraquitã*

*tenho sangue e cor de índio  
de preto  
de branco  
tudo assim, misturado  
do branco eu queria esquecer  
mas não se apaga o que nos foi forçado*

*vou logo escurecendo  
e é bom se acostumar  
nortista se mostrando  
escrevendo, cantando, pintando, criando,  
dançando, sorrindo, tocando, no topo,  
vingando  
aqui há de se criar.*

A segunda parte do poema, nos últimos versos, o eu lírico passou pelo processo de violência, apagamento histórico e racial, dominação, memorialização, reconhecimento, etc. Este sujeito poético se percebe detentor de conhecimento e história, memoriza as Icamiabas — guerreiras amazônicas que viviam na divisa do Pará e do Amazonas, que mergulhavam no rio e traziam um amuleto de sorte verde, em formato de sapo ou outros animais —, assim também cada mulher amazônica carrega o sangue das icamiabas e da proteção, como na afirmação identitária “tenho sangue e cor de índio”, assim, segue “de preto” das mulheres negras que foram atravessadas pela escravidão, “de branco” que força, que estupra, que não se pode retornar ao esquecimento.

Por isso, na última estrofe, a estratégia de “escurecer” e não se poder cair na inocência de pensar feminismos na atualidade e não pensar no recorte de raça, e, como já propõe Vilma Piedade (2019), “é preciso escurecer os feminismos”, é preciso olhar de um ângulo não branco, de um ângulo do lugar, como indica Castro, “nortista”, “amazônica”.

Essa análise também pode ser vista referente aos discursos que envolve a exploração da natureza humana e não-humana. O que, segundo Guberman (2020), o sujeito amazônico quer atuar livremente conforme as concepções de sua cultura ancestral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por síntese, em *Tentáculos/ Raízes*, de Jhulie Cabral, foi percebido a ligação temática da escrita poética por meio da interdisciplinaridade que nos permitiu dialogar com a Literatura Comparada e com as teorias Decoloniais, propostas por Lugones (2014) e Castro (2019), e Ecofeministas, por Guebara (2017), Lemgruber (2020) e Soares (2009).

Assim, destaca-se que as duas teorias Decolonial e Ecofeminismo, social e espiritual, estão presentes na temática da poesia. Que vai de acordo com Souza (2018), em que o Ecofeminismo se propõe a analisar os impactos que a destruição ambiental pode provocar entre as mulheres, tidas como seres destituídos de meios materiais e simbólicos para interagir com a sociedade.

Precisamos que as lutas das mulheres — das águas, florestas, campos e urbanas — sejam respeitadas e protegidas, do mesmo modo como a proteção ao meio ambiente, para que haja vida. Logo, a literatura é uma fonte de conhecimento e pesquisa para pensarmos as agruras e prazeres de uma sociedade, para denunciar e libertar aprisionamentos. Assim, como pesquisadora e ativista ecofeminista, sigo na busca de fontes literárias e teorias decoloniais para construir conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

- CABRAL, Jhulie. *Tentáculos/ Raízes. Fluxos: Manifestações artísticas de Mulheres Amazônicas*. Org. Ana Mauê Et al- 1 edição Belém- Pará: TWEE, 2021
- CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: A estratégia interdisciplinar. *Rev. Bras. de Lit. Comparada*, nº 1 - 03/91. P. 9-21. 2006
- CASTRO, Edna. *Pensamento Crítico Latino Americano: Pensamento crítico latino-americano* / Edna Castro, organizadora. – São Paulo: Annablume: 2019.
- GUBERMAN. Mariluci Sussurros E Vozes Da Amazônia Brasileira. *Nova Revista Amazônica - Volume VIII - Nº 02 - Setembro 2020*
- GUEBARA, Ivone. *Ecofeminismo: desafios para repensar a teologia*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017
- LENGRUBER, Vanessa. As Brumas De Avalon : Uma Leitura Ecofeminista. *Revista Ártemis*, vol. XXIX nº 1; pp. 88-106, jan-jun, 2020.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução de Juan Ricardo Aparicio e Mario Blaser. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3. setembro-dezembro/2014.
- MACHADO, Á. M.; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 15º edição. São Paulo: Cultrix, 1984.
- PIEIDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2019.
- SOARES, Angélica. Apontamentos para uma crítica literária ecofeminista. *Revista Garrafa*. Rio de Janeiro, v.7, n. 20, abr-jun, 2009
- SOUZA. Iriê Prado de. Os Sentidos e Representações do Ecofeminismo na Contemporaneidade. *VII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina*. Dezembro, 2018.

